

Entre o trono e o cálice: a embriaguez de reis macedônios como *topos* literário na historiografia helenística e nas fontes sobre Alexandre Magno¹

Between the throne and the cup: the inebriation of Macedonian kings as a literary *topos* in Hellenistic historiography and sources on Alexander the Great

Henrique Modanez de Sant'Anna²

modanez@unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7929-4720>

Resumo: Embora alguns historiadores tenham defendido que o registro de embriaguez frequente entre reis macedônios nas fontes antigas ilustre um “costume nacional” (Walbank, 1967), um desvio do genérico “dever aristocrático” em Políbio (Eckstein, 1995), ou ainda uma tendência à violência física nos banquetes reais como traço de alteridade (Murray, 1996), o mesmo não foi devidamente interpretado como um *topos* literário na historiografia tardo-clássica e helenística, com relevantes ecos tardios nos relatos sobre Alexandre Magno. A hipótese deste artigo é a de que o isolamento metodológico deste fator, posto em perspectiva, permite que observemos como Políbio (representante máximo da historiografia helenística sobre os reis macedônios) lança mão de um lugar-comum já presente em Teopompo especificamente sobre a embriaguez dos reis macedônios (com um desacordo radical entre os dois sobre Filipe II), e como ecos desse alcoolismo em relatos posteriores sobre Alexandre Magno reforçam o mesmo *topos* literário em outra tradição de fontes primárias (Ptolomeu, Aristóbulo e Clitarco, todos anteriores a Políbio).

Palavras-chave: Grécia antiga, alcoolismo, reis macedônios.

Abstract: Although some historians have argued that the records of frequent inebriation amongst Macedonian kings in ancient sources illustrate a “national custom” (Walbank, 1967), a deviation from the generic “aristocratic duty” in Polybius (Eckstein, 1995), or even a tendency towards physical violence in royal banquets as an alterity trait (Murray, 1996), the same has not been duly interpreted as a literary *topos* in late-classic and Hellenistic historiography, with relevant late echoes in records about Alexander the Great. The hypothesis in this article is that the methodological isolation of this factor, when put into perspective, allows us to observe how Polybius (the greatest representative of Hellenistic historiography about Macedonian kings) uses a common place already present in Theopompus, specifically about inebriation in Macedonian kings (with a great disagreement between both about Phillip II), and how echoes of this alcoholism in later accounts about Alexander the Great reinforce the same literary *topos* in another tradition of primary sources (Ptolemy, Aristobulus and Cleitarchus, all predecessors of Polybius).

Keywords: Ancient Greece, alcoholism, Macedonian kings.

¹ Pesquisa financiada pela Fulbright e realizada na Universidade Cornell, por meio de Prêmio concedido pela agência a jovens professores brasileiros.

² Departamento e Programa de Pós-Graduação de História da Universidade de Brasília. ICC Norte, bloco A. Asa Norte. 70.910-900 Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Introdução

*Nenhum desejo é mais urgente do que a sede. Esta é a razão pela qual o poeta se refere a Argos como “sedenta” [ou “aridíssima”]; vide Il. 4.171], o que quer dizer “há muito sôfrega”, como resultado de um lapso do tempo; porquanto a sede sempre produz um desejo potente pela satisfação plena.*³

*Ateneu, O Banquete dos Sábios*⁴ 10.433e

Há cerca de duas décadas, Collins (1997, p. 164-165) argumentou com razão que os ditos sobre moderação eram lugar-comum na documentação helenística. No caso de sua obra, intitulada *Jewish wisdom in the Hellenistic age*, as fontes helenísticas analisadas eram de natureza religiosa, nem sempre escritas em grego e cobriam áreas em boa parte do Oriente Próximo; em meu artigo, possuem alargamento cronológico (tardo-clássico e helenístico-romano), estão majoritariamente em grego e apresentam natureza metodológica mais específica (isto é, historiográfica). Ainda assim, espelham preocupação similar com a moderação como virtude a ser exercitada, mais especificamente por reis e, no caso de Políbio (o representante máximo da historiografia helenística sobre os reis macedônios), em situações em que se pode testemunhar sua antítese em uma combinação de sexualidade lasciva, violência desmedida ou alcoolismo episódico ou constante. Com efeito, Políbio via nesses três excessos um desvio do “dever aristocrático” e a receita para o fiasco político-militar (Eckstein, 1995, p. 286).

Por causa de sua preocupação com essa questão, e dada a quase onipresença do tema da moderação na literatura helenística, Políbio foi por vezes associado diretamente ao estoicismo, classificação polêmica que gostaria de afastar já no início deste texto para que o argumento desenvolvido faça mais sentido. A tentação dessa vinculação deve-se principalmente ao fato de ser o estoicismo a escola de filosofia helenística com o maior número de adeptos de que se tem notícia, e de ter sido criada no século III a.C. por Zenão, pouco antes, portanto, do tempo em que viveu o próprio Políbio. As poucas gerações que separam os dois teriam dado tempo suficiente para as ideias estoicas terem circulado com sucesso em território grego, tendo supostamente influenciado Políbio. Além disso, se se considera, por exemplo, os usos da *tyché* em Políbio, como fez Hirzel em 1882⁵, pode-se chegar

a uma conclusão verdadeiramente antagônica. Para ele, Políbio se aproximaria do que mais recentemente Brouwer classificou (ao tratar de Hirzel) como “full-blown Stoic”. Segundo Brouwer, em uma abordagem declaradamente mais modesta (que classifica, por exemplo, Políbio como sendo menos radical que os primeiros estoicos), emergem do texto de Políbio duas abordagens distintas com relação à *tyché*, sendo as duas passíveis de reconciliação com o estoicismo. Como a *tyché* não constitui essencialmente o tema deste artigo, pretendo apenas com isso afirmar que a filiação de Políbio ao estoicismo pode encontrar outros caminhos metodológicos, que não diretamente o adotado nesta pesquisa, e assim chegar a conclusões distintas.

Por ora, é interessante uma retomada da clássica rejeição conceitual de Pédech na década de 1960 (1964, p. 249-251), que criticou tal filiação estoica principalmente com base nos seguintes argumentos: Políbio nunca utilizou o termo *sophrosyne* em sentido estoico; sua obra dá importância à providência (*pronoia*) e coragem ou ousadia (*tolma*), conceitos desconhecidos pelos estoicos ou pelo menos ausentes nos seus escritos; Políbio chega a ponto de recusar o emprego mais especializado da palavra *pathos*, informação relevante especialmente porque o período helenístico pareceu testemunhar uma proliferação de tratados intitulados *Peri pathon*. Assim, não sendo estoico ou estando sob influência estoica direta, Políbio parece ter incorporado suas preocupações mais específicas com os comportamentos desmedidos da própria historiografia grega tardo-clássica, no seio de suas críticas a outros historiadores. Destes, o que mais relevância tem para o tema proposto neste artigo é Teopompo de Quios, por ter o mesmo conhecido pessoalmente a corte de Filipe II (359-336 a.C.), sobre quem escreveu, e por ter Políbio desenvolvido críticas ao seu método histórico, com Filipe II ocupando papel central nessa crítica.

A hipótese defendida neste artigo é a de que o isolamento metodológico de um dos três fatores de desmesura (o alcoolismo), anteriormente apresentados da forma como propôs Eckstein a partir de Políbio, permite sua interpretação como *topos* literário na historiografia tardo-clássica (Teopompo) e helenística (Políbio), sendo também encontrado abundantemente nos relatos posteriores sobre Alexandre Magno, curiosamente por meio de outra tradição de fontes primárias. Este raciocínio se viabiliza inicialmente no seio da crítica historiográfica de Políbio a Teopompo (que discordam radicalmente em suas interpretações

³ No texto grego: Τῆς δὲ δίψης οὐδὲν ἐστὶ πολυποθητότερον. διόπερ καὶ τὸ Ἄργος πολυδίψιον ὁ ποιητὴς ἔφη, τὸ πολυπόθητον διὰ τὸν χρόνον· τὸ δίψος γὰρ πᾶσιν ἰσχυρὰν ἐπιθυμίαν ἐμποιεῖ τῆς περιττῆς ἀπολαύσεως. Todas as versões constantes neste artigo foram inspiradas pela tradução da LOEB (Harvard), listadas ao fim na Bibliografia, tendo-se em conta paralelamente o texto grego para questões terminológicas específicas.

⁴ Doravante Ateneu.

⁵ Brouwer, 2011, esp. p. 112-113; 129.

sobre Filipe II, por questões metodológicas), e com mais força ainda por terem tido contato com Demétrio, durante seu período como refém em Roma, e Filipe II, respectivamente. Políbio não resume seus comentários sobre os macedônios a Filipe II, claro; antes, discorda de Teopompo sobre os excessos de Filipe II, mas colore o mesmo *topos* literário de Teopompo para outros reis macedônios, posteriores aos diádocos (ou sucessores de Alexandre Magno), e que em sua teoria estavam associados ao fracasso no governo. Em seguida, este artigo se desloca para a abundância dos relatos sobre o alcoolismo dos reis macedônios nas fontes sobre Alexandre Magno (reinado de 336 a 323 a.C.), com ênfase nas de mesma natureza e que se constituíram a partir de outras fontes primárias.

Na historiografia moderna, defendeu-se anteriormente que o registro de embriaguez frequente entre reis macedônios ilustra uma espécie de “costume nacional” que muitos gregos eram incapazes de compreender ou aceitar (Walbank, 1967, p. 82), argumento que pode em outra ocasião ser nutrido pela hipótese deste artigo. Sugeriu-se igualmente, em um estudo das tradições históricas que compunham o simpósio helenístico, que os inúmeros registros de atos violentos em banquetes (um dos momentos do simpósio) demonstrariam uma tendência natural à violência física entre os macedônios como característica de alteridade, excluindo-se a possibilidade de mapear exageros nos relatos ou “*topoi* literários excessivamente coloridos” (Murray, 1996, p. 17). No caso específico dos reis helenísticos, argumentou-se também que as desmesuras dos estadistas em Políbio representariam um desvio do seu “dever aristocrático” (Eckstein, 1995, p. 269). Embora todos eles façam sentido em suas propostas específicas, encontram-se já relativamente datados, podendo o primeiro se beneficiar mais em estudos posteriores com o que é proposto neste artigo. Pretende-se, aqui, avançar no debate por meio da discussão específica sobre o alegado e polêmico alcoolismo de Filipe II (356-336 a.C.), Filipe V (221-179 a.C.) e Demétrio (239-229 a.C.), envolvendo, para o primeiro, Teopompo, e para os três, Políbio em sua crítica a Teopompo e em sua narração sobre os outros reis. Em seguida, a contribuição reside na análise dos relatos sobre o alcoolismo dos macedônios na historiografia sobre Alexandre Magno, que derivam de uma tradição de fontes primárias distinta de Teopompo e Políbio. Isto sugere, por

fim, uma interessante confluência de informações sobre esse “hábito”, que passa a ser visto como um *topos* literário de maior abrangência na historiografia grega pós-clássica.

Teopompo, Políbio e a construção de um *topos* literário sobre os reis macedônios

Teopompo de Quios, segundo o próprio Políbio, continuou a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides⁶, mas abandonou a empreitada a partir da batalha de Leuctra; a história da Grécia havia se tornado, para Teopompo, a história individual de um rei macedônio que ele não via com bons olhos: Filipe II⁷. Por esta razão, dava muita atenção aos desvios de personalidade desse indivíduo, o que resultou no tratamento atencioso da embriaguez e da falta de autocontrole (*akratesteron*) do rei e de sua corte (que teve a oportunidade de ver com seus próprios olhos nos anos 340 a.C.).

Teopompo, tendo optado por essa metodologia, foi duramente criticado por Políbio em um dos seus fragmentos, a partir do qual Políbio resume e critica seu método histórico:

Sobre isso, Teopompo é um dos autores mais culpáveis. Já no início de sua história de Filipe, filho de Amintas, afirma que o motivo que o levou à obra foi o fato de a Europa nunca ter produzido homem comparável a Filipe; e ainda assim, logo depois de seu prefácio e no decorrer do livro, retrata-o, em primeiro lugar, como sendo tão desmesurado com mulheres, a ponto de ter arruinado sua própria família por meio de sua dependência passional e esbanjadora por esse tipo de prática; em seguida, como o homem mais perverso e malicioso em seus esquemas para estabelecer amizades e alianças; em terceiro lugar, como aquele que havia submetido à escravidão e traído um grande número de cidades, quer pela força, quer por fraude; por fim, como homem tão alcoolômano que ele mesmo foi frequentemente visto por seus amigos como manifestadamente bêbado em plena luz do dia (Políbio, Histórias 8.9.1-4; grifo nosso).⁸

Destaco o passo em suas próprias palavras: A corte de Filipe na Macedônia era o ponto de encontro de todos

⁶ Como outros historiadores: Xenofonte (Hel. 1.1) e Crátipo (Dion. Hal. *De Thuc.* 16). Mitsios (2013, p. 15) lembra que o trabalho de Políbio dá continuidade ao de Árato e de Timeu, e foi continuado por Posidônio (FGH 87 T 1) e Estrabão (FGH 91 T 2).

⁷ Vide Pédech, 1964, p. 62-64 para uma discussão sobre Teopompo e a teoria da causalidade histórica.

⁸ No texto grego: Μάλιστα δ' ἂν τις ἐπιτιμήσειε περὶ τοῦτο τὸ μέρος Θεοπόμπῳ, ὃς γ' ἐν ἀρχῇ τῆς Φιλίππου συντάξεως δι' αὐτὸ μάλιστα παρορμηθῆναι φήσας πρὸς τὴν ἐπιβολὴν τῆς πραγματείας διὰ τὸ μηδέποτε τὴν Εὐρώπην ἐνηνοχῆναι τοιοῦτον ἄνδρα παράπαν οἷον τὸν Ἀμύντου Φιλίππου, μετὰ ταῦτα παρὰ πόδας, ἐν τε τῷ προοίμιῳ καὶ παρ' ἄλλῃ δὲ τὴν ἱστορίαν, ἀκρατέστατον μὲν αὐτὸν ἀποδείκνυσι πρὸς γυναῖκας, ὥστε καὶ τὸν ἴδιον οἶκον ἐσφαλκέναι τὸ καθ' αὐτὸν διὰ τὴν πρὸς τοῦτο τὸ μέρος ὄρμην καὶ προστασίαν, ἀδικιώτατον δὲ καὶ κακοπραγμονέστατον περὶ τὰς τῶν φίλων καὶ συμμάχων κατασκευάς, πλείστας δὲ πόλεις ἐξηνδραποδισμένον καὶ πεπραξικηκότα μετὰ δόλου καὶ βίας, ἐκπαθῆ δὲ γεγονότα καὶ πρὸς τὰς ἀκρατοποιίας, ὥστε καὶ μεθ' ἡμέραν πλεονάκις μεθύοντα καταφανῆ γενέσθαι τοῖς φίλοις.

as figuras debochadas e descaradas na Grécia ou no estrangeiro, que lá integravam os Companheiros do rei. De modo geral, Filipe não favoreceu homens de boa reputação que zelavam de suas propriedades; os que ele honrava e promovia eram figuras esbanjadoras que passavam os dias a beber e a jogar (Políbio, Histórias 8.9.5-7; grifo nosso).⁹

É digno de nota o fato de Políbio ter adquirido seu conhecimento do passado grego (especialmente o anterior ao século IV a.C.) de Éforo (4.73-74), Teopompo (28.6), Tucídides (ecos em 3.6 e 3.31) e, talvez, Heródoto (ao que se somam, do lado romano, Fábio Pictor e Horácio) (Walbank, 2002, p. 188). Isto é importante após a citação anterior porque ilustra que Políbio, a partir de comparações históricas, propunha o seguinte, como argumenta Miltsios com outras palavras (2013, p. 9): da mesma forma que os feitos dos romanos eram superiores aos dos impérios que os precederam, também era superior sua narrativa, quando comparada às anteriores sobre os impérios que não mais existiam. Mais especificamente sobre Teopompo, as razões pelas quais Políbio o critica giram em torno de sua opção por uma história centrada num indivíduo e, mais importante ainda, como veremos a seguir, pela forma como trata Filipe II.

Em Teopompo e Políbio, nota-se de fato a criação de um padrão para os reis macedônios que inspira suas histórias, mas que curiosamente em Políbio exclui Filipe II, quando o mesmo decide tratar com seu pessimismo os reis alcoolômanos tardios. Filipe II não se encaixa na teoria de Políbio sobre os comportamentos excessivos e os desastres que necessariamente os seguiriam (ver, por exemplo, Miltsios, 2013, p. 76), mas, afinal, este não o conhecia tão bem quanto Teopompo. Além disso, Políbio nutria grande admiração por Filipe II, por ser o mesmo benfeitor de Megalópole (2.48), cidade do próprio Políbio. Segundo ele, os feitos de Alexandre Magno confirmam a reputação de excelência desfrutada por Filipe II e seus amigos, ao que se soma o fato de os macedônios terem mostrado, no tempo de Alexandre, qualidades morais como magnanimidade (*megalopsykhia*), moderação (*sophrosyne*) e coragem (*tolme*) (Baronowski, 2011, p. 65).

Walbank (2002, p. 204, cf. 219) recorda que Filipe II é introduzido na narrativa de Políbio em diversos contextos favoráveis à sua figura: no contraste com a crueldade de Ptolomeu Epifanes (205-181 a.C.) (a partir de 22.16); em sua defesa contra Demóstenes (18.13-15); e em menções frequentes à sua tolerância com os atenienses depois de Queroneia (5.10, 18.14 e 22.16), quase sempre em contraste com o também macedônio Filipe V.

É ainda importante enfatizar que, no tempo de Filipe V, parece ter sido consensual que os antigônidas (descendentes de Antígono I, na Macedônia) insistissem em sua descendência também argéada (que remontava, nesse caso, a Filipe II), o que nunca foi tão promovido entre lágidas (descendentes de Ptolomeu, no Egito) e selêucidas (descendentes de Seleuco I, na Ásia)¹⁰. Há, por exemplo, indícios para o discurso de parentesco no passo que lida com o sacrilégio de Filipe V em Thermos (Polyb. 5.10); em Plutarco, no capítulo 12 da *Vida de Emílio Paulo*, que menciona a demanda de Perseu por meio de seu parentesco com os argéadas; e em diversos momentos na vida de Filipe V, tal qual inferido pela análise que Walbank (2002, p. 133-135) faz dos autores anteriores e de Pausânias (7.7) e Fócio (*Biblioteca* 176, ao citar Teopompo = FGH 115 T31). Apesar dessa descendência forjada, ainda que os reis macedônios de origem antigônida fossem, na visão de Políbio, empenhados em seu projeto de conquista mundial, como historiador ele considera o comportamento individual dos reis. Não existe, portanto, uma extensão natural do que pensa Políbio de Filipe II e Alexandre a outros reis macedônios posteriores. Políbio, como dito por Walbank (2002, p. 189), “considera os indivíduos como um elemento decisivo nos eventos históricos”, e isso vale tanto para Filipe II quanto para os reis antigônidas, em suas idiosincrasias.

Com os reis helenísticos, então, o cenário é bastante diferente aos olhos de Políbio, e curiosamente ele repete o lugar-comum de Teopompo no que diz respeito ao consumo excessivo de vinho por muitos dos reis macedônios. Com efeito, embora Políbio seja um admirador de Filipe II e elogie a moderação de Perseu no passo 25.3.7 de suas *Histórias* (“manteve-se distante da incontinência de seu pai no que respeita às mulheres e à bebida, e não apenas

⁹ No texto grego: αὐταῖς γὰρ λέξεσιν, αἷς ἐκεῖνος κέχρηται, κατατετάχαμεν “εἰ γὰρ τις ἦν ἐν τοῖς Ἑλλησιν ἢ τοῖς βαρβάροις” φησὶ “λάσταυρος ἢ θρασὺς τὸν τρόπον, οὗτοι πάντες εἰς Μακεδονίαν ἀθροίζομενοι πρὸς Φίλιππον ἑταῖροι τοῦ βασιλέως προσηγορεύοντο. καθόλου γὰρ ὁ Φίλιππος τοὺς μὲν κοσμίους τοῖς ἦθεσι καὶ τῶν ἰδίων βίων ἐπιμελουμένους ἀπεδοκίμαζε, τοὺς δὲ πολυτελεῖς καὶ ζῶντας ἐν μέθαις καὶ κύβοις ἐτίμα καὶ προῆγε. Ver também Polyb. 8.11.2-4 = F 27. Comparações posteriores podem incluir Teopompo, FGH, 115 F 81, 162, 163, 224, 282. O último fragmento (FGH 115 F 282 = Ateneu 10.435b-c) é o mais marcante deles: Φίλιππος ἦν τὰ μὲν φύσει μανικός καὶ προπετής ἐπὶ τῶν κινδύνων, τὰ δὲ διὰ μέθην ἦν γὰρ πολυπότης καὶ πολλὰς μεθῶν ἐξεβοῆθει.

¹⁰ Importante explicar a essa altura que, por causa da morte prematura de Alexandre Magno e em um ambiente de poucas certezas (sobre o tipo de poder monárquico a que estavam submetidos, ou mesmo sobre a sucessão de Alexandre), o saque continuado do Império Persa resultou não apenas num império efêmero a que alguns chamam de “macedônico”, como também em diversas guerras sucessórias. Tais guerras, por fim, produziram as dinastias helenísticas, formadas como fragmentação do extinto “Império de Alexandre” e mais tarde como fragmentação dos próprios reinos e impérios que emergiram dele. A última dinastia helenística a sucumbir à república romana em expansão foi a lágida, em 30 a.C., que teve Cleópatra como sua última representante. Da dinastia selêucida, no entanto, houve uma fragmentação que produziu, no nordeste do Irã, a ascensão de um poder local, conhecido como Arsácida ou Parto. O Império de mesmo nome que se formou na sequência, entre os séculos III e II a.C., findou por se tornar o maior entrave diplomático e desafio militar dos romanos já no Império.

ele se mostrou moderado em suas refeições, mas também seus amigos de repasto”), condena mais adiante Filipe V, Antíoco (175-164 a.C.) e Demétrio. O caso de Demétrio é interessante por ter sido Políbio próximo dele durante o período em que permaneceu em Roma, como refém:

Temeroso de que se o banquete fosse indevidamente prolongado, como Demétrio era por natureza amante do vinho/inclinado ao simpósio e extremamente jovem, pudesse o mesmo ter dificuldade para sair de casa devido ao efeito da bebida, escreveu e enviou uma carta ao entardecer, por meio de um escravo seu [...] (Políbio, Histórias 31.13.8)¹¹

O que frequentemente se traduz como sendo “por natureza amante do vinho” possui, no grego, conotação que requer tradução mais adequada e, do ponto de vista do historiador, contextualização precisa. Isto porque o trecho (isto é, ἄτε τοῦ Δημητρίου συμποτικῶν φυσικῶς [...]) pode ser igualmente traduzido e de forma mais literal como “por natureza inclinado ao simpósio”, o que denota não apenas seu gosto pela bebida, como também a ênfase de Políbio em uma única e negativa face do simpósio helenístico, de modo a resumi-lo ou caricaturá-lo em benefício do seu argumento.¹²

O simpósio era um ambiente de interação mais fluida com o rei, e por essa razão filósofos que louvavam certa moderação estavam prontos para oferecer conselhos aos *basileis* em troca de seu favor político. Este é o caso de Perseu de Cítio (FGH 584 F4) (ou Lárnaca, na ilha de Chipre), filósofo estoico da primeira metade do séc. III a.C., pupilo de Zenão e companheiro de simpósio de Antígono Gonatas (277-239 a.C., com intervalo entre 274-272 a.C.). Escreveu uma obra intitulada *Sympotika Hypomnemata*, o mais extenso fragmento sobre como se comportar em simpósios macedônicos (13.607b-f; cf. 4.162b). Segundo Ateneu, que preserva seus fragmentos:

Perseu de Cítio, em seus Comentários sobre o Simpósio, brada e diz que é apropriado discutir sexo enquanto se bebe vinho; porque, quando se bebe, inclina-se nesta direção. Esse é igualmente o momento propício para

se enaltecer pessoas que apreciam o sexo de maneira suave e moderada, bem como para criticar aqueles que se comportam como animais selvagens e não se saciam disso.¹³

Assim, embora outros filósofos helenísticos recomendem que os reis se afastem dos simpósios, a exemplo de Epicuro em seu tratado *Sobre a Monarquia* (= Plut. Obras Morais 1095c), torna-se claro que, no caso em que os simpósios são vistos como parte de um retrato real, feliz e cotidiano da monarquia helenística, não integram um quadro de extravagâncias pouco ortodoxas e comportamentos violentos desenfreados. É, assim, em muitos casos uma questão essencialmente literária.

Ainda em Ateneu (10.440b), temos algo bastante similar à visão de Políbio sobre o alcoolismo de Demétrio no passo anterior, por tratar justamente do próprio historiador grego em outro momento: “Políbio relata que Demétrio [...] era muito dado à embriaguez e passava boa parte do dia embriagado”.¹⁴ Raciocínio parecido aplica-se a Antíoco, alcunhado *Epímanes*,¹⁵ e Filipe V, que se insere na lógica da sucessão das formas de governo, tal qual adaptada da filosofia clássica por Políbio. Afinal, segundo ele, todos os reis começam seus governos a falar de liberdade e a agregar amigos e aliados leais, mas, quando sua autoridade se estabelece, o tratamento livre e promissor cede lugar ao tratamento como servos, ou súditos com liberdade tolhida (Políbio, *Histórias* 15.24)¹⁶. A interpretação de Políbio sobre a monarquia, na verdade, possui duas faces complementares: uma ligada ao seu desgosto pela monarquia como instituição e a distinção que, apesar disso, é capaz de fazer entre reis bons (Filipe II e seu filho Alexandre, por exemplo) e maus (Filipe V, no contexto de maior interesse neste parágrafo) (Walbank, 2002, p. 219).

O Filipe V de Políbio representaria uma espécie de caricatura do monarca helenístico, precisamente por aspirar a planos de domínio universal, em uma extravagância de personalidade que se estendia ao exercício do poder político (Políbio, *Histórias* 15.24). Por esta razão, talvez, Filipe V seja o rei com maior número de associações às tentativas de envenenamentos de que se tem notícia nas fontes gregas que remontam à tradição polibiana. Em

¹¹ No texto grego, a passagem completa se lê da seguinte forma: διόπερ ἀγωνιάσας ὁ προειρημένος μὴ τῆς συνθηθείας ἐλκυθεΐσης, ἄτε τοῦ Δημητρίου συμποτικῶν φυσικῶς καὶ νεωτέρου τελέως ὑπάρχοντος, ἀπόρημά τι γένηται περὶ τὴν ἐξοδὸν διὰ τὴν μέθην, γράψας βραχὺ πιττάκιον καὶ σφραγισάμενος πέμπετο παρ’ αὐτοῦ παῖδα συσκοτάζοντος ἄρτι τοῦ θεοῦ, συντάξας ἑκαταεσάμενον τὸν οἰνογόον τοῦ Δημητρίου δοῦναι τὸ πιττάκιον, μηδὲν εἰπόντα τίς ἢ παρὰ τίνος, καὶ κελεύει ἀποδιδόναι τῷ Δημητρίῳ παραχρήμα διαναγνῶναι.

¹² Agradeço a Flávio Ribeiro de Oliveira pelo auxílio na tradução, e a Fernanda Freire e Isadora Costa Fernandes pelo debate.

¹³ No texto grego: καίτοι Περσαίου τοῦ Κιτιέως ἐν τοῖς Συμποτικαῖς Ὑπομνήμασιν βωῶντος καὶ λέγοντος περὶ ἀφροδισίων ἀριστῶν εἶναι ἐν τῷ οἴνῳ μείναι ποιεῖσθαι· καὶ γὰρ πρὸς ταῦτα ἡμᾶς ὄταν ὑποπίωμεν ἐπιρρεπεῖς εἶναι. καὶ ἐνταῦθα τοὺς μὲν ἡμέρας τε καὶ μετρίως αὐτοῖς χρωμένους ἐπαίνειν δεῖ, τοὺς δὲ θηριωδῶς καὶ ἀπλήστως ψέγειν.

¹⁴ No texto grego: Καὶ Δημήτριον δὲ φησι, τὸν ἐκ τῆς Ρώμης τὴν ἡμερῶν διαφυγόντα, ἐν τῇ τρίτῃ καὶ τριακοστῇ βασιλεύσαντα Σύρων πολυπότην ὄντα τὸ πλεῖστον τῆς ἡμέρας μεθύσκεσθαι.

¹⁵ Talvez por relatos conflitantes dos seus adversários políticos, tendo em vista que suas políticas não refletem a loucura descabida que lhe é atribuída. Vide Políbio, *Histórias* 26.1 (= Ateneu 5.193d) e, sobre o raciocínio apresentado, Paton (2010, p. 549).

¹⁶ O trecho completo no texto grego, que trata da questão, lê como se segue: Ἵσως μὲν γὰρ πάντες οἱ βασιλεῖς κατὰ τὰς πρώτας ἀρχὰς πᾶσι προτείνουσι τὴν ἐλευθερίαν ὄνομα καὶ φίλους προσαγορεύουσι καὶ συμμαχοῦς <τοῦ> κοινωνήσαντας σφίσι τῶν αὐτῶν ἐλπίδων, καθιζόμενοι δὲ τῶν πράξεων παρὰ πόδας οὐ συμμαχικῶς, ἀλλὰ δεσποτικῶς χρῶνται τοῖς πιστεύσασιν· διὸ καὶ τοῦ μὲν καλοῦ διαφεύδονται, τοῦ δὲ παραπρῶτα συμφέροντος ὡς ἐπίπαν οὐκ ἀποτυχάνουσι· τὸ δ’ ἐπιβαλλόμενον τοῖς μεγίστοις καὶ περιλαμβανόμενα ταῖς ἐλλείψιν τὴν οἰκουμένην καὶ πάσας ἀκμὴν ἀκεραίου ἔχοντα τὰς ἐπιβολὰς εὐθέως ἐν τοῖς ἐλαχίστοις καὶ πρώτοις τῶν ὑποπιπτόντων ἐπικηρύττειν ἅπασιν τὴν ἀβεβαίωτα αὐτοῦ καὶ τὴν ἀβεβαίωτα πῶς οὐκ ἂν δόξειεν ἀλόγιον εἶναι καὶ μακρὸν;

fontes posteriores (Pausânias, por exemplo), é conhecido por oferecer sempre, em nome da amizade e da cortesia, brindes com taças cheias de veneno ao invés de vinho. Curiosamente, a constante alusão nas *Histórias* a conspirações raramente envolve envenenamento; este parece ser, como defendido por Stephanie Winder (2017, p. 381), um traço do governo de Filipe V. Esta é uma associação mais conspiratória com o alcoolismo, mas ainda assim um caso de embriaguez e comportamentos excessivos indesejáveis a um rei macedônio.

Embora Políbio critique Teopompo por sua falta de consistência na apresentação do caráter de Filipe II e de sua importância como figura histórica, não se pode negar que a moderação genérica é uma qualidade moral que ambos os historiadores aprovam, encontrando sua “antítese alcoólica” majoritariamente em reis macedônios. Com efeito, Filipe e seus cortesãos eram observados por Teopompo como “os piores humanos que vivem” (Shrimpton, 1991, p. 128); pontualmente, o texto grego (8.9) informa que a corte de Filipe, segundo Teopompo, era o lugar de encontro para os gregos e bárbaros mais incontinentes¹⁷ (Champion, 2004, p. 249). Outros fragmentos também sugerem que a falta de autocontrole (*akrasia*) podia interferir na eficiência política (Shrimpton, 1991, p. 140). Nos fragmentos de Teopompo, o autocontrole caminha lado a lado com outras qualidades morais, a exemplo da “indústria, da habilidade de fazer amizades e alianças, da moderação [...], além da honestidade ao lidar com grandes somas de dinheiro” (Ponwall, 2004, p. 149).¹⁸ Como um dos leitores de Teopompo, Políbio igualmente vê falta de moderação ou razoabilidade (sintetizada em alcoolismo, sexualidade lasciva e violência irracional) como sintomas de uma falha de personalidade e mais problemática “em homens que possuíam responsabilidades sociais” (Eckstein, 1995, p. 286). Uma última e importante distinção parece ser o fato de Teopompo defender que uma vida privada regrada não leva necessariamente à eficiência política (Shrimpton, 1991, p. 150), ao passo que Políbio aborda a questão precisamente da maneira oposta (daí seu desacordo sobre Filipe II). A avaliação que Políbio faz do caráter humano seria parte do que Eckstein entende como sinal de seu crescente pessimismo, inspirado pelas ações dos estadistas de seu tempo. Isto seria particularmente verdadeiro nos casos de reis helenísticos, tais como Filipe V, Antíoco Epifanes e Demétrio II.

Por fim, cumpre dizer nesta seção que, nessa lógica específica sobre o tema dos comportamentos excessivos dos estadistas, as observações de Políbio sobre alguns dos reis macedônios de seu tempo parecem apontar para um *topos* literário na historiografia grega tardo-clássica e helenística. Apesar da discordância com Teopompo sobre alguns indivíduos, o alcoolismo dos macedônios é um fator recorrente, um lugar-comum do qual Políbio lança mão para avaliar as personalidades dos reis helenísticos. No limite, a especificidade de Políbio nesse assunto se resume ao fato de que a entrega às tentações do vinho equivaleria à deserção do dever aristocrático, fazendo com que os homens se tornassem, aos seus olhos e como defendido por Eckstein na década de 1990, degenerados, violentos e indolentes (Eckstein, 1995, p. 289).

Os principais relatos sobre Alexandre Magno e o recorrente problema do alcoolismo entre reis macedônios

Embora Alexandre Magno tenha governado, obviamente, antes dos reis helenísticos, que o sucederam, as fontes principais sobre seu governo são tardias e, portanto, muito posteriores a Teopompo e Políbio. São elas: Quinto Cúrcio (século I a.C. ou I d.C., com datas mais específicas disputadas; em latim), Diodoro Sículo (c. 90 a.C. – 30 a.C.), Plutarco (c. 46 d.C. – 120 d.C.), Justino (100 d.C. – 165 d.C.; em latim) e Arriano (c. 92 d.C. – 175 d.C.). Destas, apenas Quinto Cúrcio e Justino escreveram em latim, sendo Justino o responsável por elaborar um epítome de Pompeu Trogo, historiador celta romanizado que viveu sob Otávio Augusto. Sua obra foi, na verdade, excessivamente resumida, tendo condensado um trabalho cinco vezes mais extenso que a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides em cerca de 200 páginas. Das fontes em grego, Arriano foi tido por muito tempo como a mais confiável, pela aparente objetividade das informações na obra, retiradas de Ptolomeu e Aristóbulo, e por tratar de táticas e estratégias militares com maior similaridade narrativa às apresentadas nas histórias militares modernas. Sua reputação deve-se igualmente ao fato de o bizantino Fócio tê-lo classificado como “novo Xenofonte” (Sant’Anna, 2015, p. 269). O que se esquece, com frequência, é que o Alexandre de Arriano não é

¹⁷ “εἰ γὰρ τις ἦν ἐν τοῖς Ἑλλησιν ἢ τοῖς βαρβάροις” φησὶ “λάσταυρος ἢ θρασύς τὸν τρόπον, οὗτοι πάντες εἰς Μακεδονίαν ἀθροίζομενοι πρὸς Φίλιππον ἐταῖροι τοῦ βασιλέως προσηγορεύοντο.

¹⁸ Essas são especificamente as qualidades morais que Ponwall descreve como sendo aplaudidas por Teopompo em seu relato muito positivo de Lisandro. Segundo Teopompo, o general espartano “não pode ser visto em nenhuma das cidades que visitou como dirigido pelos prazeres sexuais ou por ter engajado em alcoolismo ou qualquer tipo de bebedeira inoportuna” (Ateneu 12.543b–c; vide Ponwall, 2004, p. 148–9, cuja tradução do grego inspira a minha versão. Dois outros passos da obra de Teopompo possuem a mesma lógica: o destino dos ardianos, ao norte da Ilíria, que se mostraram desmesurados em sua gula e alcoolismo (Ateneu 10.443b–c); e o que Teopompo viu como desvio moral (incluindo alcoolismo e outros vícios) da dinastia de Dionísio, listado após Filipe II entre os alcoolômanos de maior destaque (Ateneu 10.435d).

fantástico como o das outras fontes mencionadas, mas ainda assim apresenta gênio militar incomparável, por ser o modelo de governante que Arriano quer dedicar ao imperador Adriano, admirador conhecido da cultura helênica, e por ser Trajano, na *Parthica* de Arriano, uma espécie de novo Alexandre. Diodoro Sículo e Plutarco encerram esse grupo principal de fontes, sendo o último talvez o mais polêmico de todos a respeito do tema deste artigo, por escrever biografias e tratados, ter um misto de influências culturais diversas e nem sempre anunciar as fontes de onde retira as informações sobre Alexandre.

Esse conjunto complexo e heterogêneo de fontes secundárias pertence, por fim, a tradições de fontes primárias distintas que nada têm que ver com Teopompo ou Políbio: remontam a Clitarco (autor do século III a.C. que preservou os relatos da soldadesca), no caso de Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio, Justino e Plutarco, e/ou a Ptolomeu (general macedônio que preservou Calístenes), Aristóbulo e Nearco, todos preservados em Arriano e, de maneira muito peculiar, em Plutarco. Nenhuma dessas fontes secundárias, portanto, remonta diretamente a Políbio ou Teopompo, embora fosse possível que conhecessem sua obra.

Todas essas fontes, historiográficas ou não, registram abundantemente o alcoolismo de Alexandre e dos demais macedônios próximos à figura do rei. No total, computam 43 referências explícitas, espalhadas da seguinte forma: Arriano, 10 referências, sendo cinco no livro 4 e cinco no livro 7; Quinto Cúrcio, cinco referências; Diodoro Sículo, cinco referências no livro 17 de sua *Biblioteca Histórica*; Plutarco, 14 referências em sua *Vida de Alexandre*, além de quatro referências em suas *Obras Morais*; Justino, cinco referências. Além dessas, contam-se ainda uma referência em Estrabão, citando Ptolomeu, e três em Ateneu. O quadro que organiza essas contas, além de oferecer um breve resumo de cada trecho, pode ser encontrado no estudo anterior de Ory Amitay (2010, p. 460-465).

Como se pode notar, Plutarco é o autor que mais recorre ao *topos* literário em foco, mas o faz por uma questão distinta (a ação específica da Fortuna na vida de Alexandre, por exemplo) da presente na historiografia, e em obras de natureza igualmente distinta (uma biografia e um tratado de retórica). É, portanto, uma fonte extremamente rica a respeito dos excessos de Alexandre e promissora para estudos posteriores, mas foge ao escopo deste artigo, por ser o mesmo voltado para um argumento de interesse essencialmente historiográfico, a saber: há ecos de um mesmo *topos* literário na historiografia sobre Alexandre Magno, muito embora essa historiografia não fizesse uso direto ou extensivo de Políbio e/ou Teopompo sobre outros reis macedônios. Em termos historiográficos, então,

têm-se dois grupos claramente separados quanto ao tema do alcoolismo de Alexandre e dos seus Companheiros, que representam, por um lado, interpretações divergentes sobre o problema do vinho na expedição asiática e, por outro, tradições distintas de fontes primárias.

Em outras palavras, as fontes que remontam a Clitarco tendem a observar a “jornada alcóolica” de Alexandre como a cavalgada rumo à corrupção de um jovem príncipe em territórios orientais, tendo a suntuosidade de seus banquetes e palácios desfeito violentamente a moderação de um nobre macedônio a quem foi ensinada moderação e temperança por Aristóteles. Este é o caso de Quinto Cúrcio, Diodoro Sículo e Justino (= Pompeu Trogo e suas *Histórias Filípicas*), que somente juntos superaram Arriano no montante de referências ao alcoolismo de Alexandre. Vejamos alguns exemplos emblemáticos do que foi argumentado acima:

Quinto Cúrcio 6.2.2: Alexandre transforma-se em um bêbado incorrigível. Por conta disso, todas as qualidades de Alexandre são sobrepostas pelo seu alcoolismo (Quinto Cúrcio 5.7.1).

Quinto Cúrcio 8.1.22: alcoolismo como uma constante, o que se associa perfeitamente à situação da morte de seu preferido, Heféstion, tal qual narrada por Diodoro Sículo 17.110.7-8.

Justino 12.13.7-10: Alexandre exagera no consumo de vinho e morre em um banquete; os amigos de Alexandre espalham rumores de que ele havia morrido por beber excessivamente, na tentativa de mascarar seu envenenamento.

Já Arriano enxerga em Alexandre um protótipo de Trajano (ver Bosworth, 2007, p. 448 para a admiração de Trajano por Alexandre; ver igualmente Stadter, 1980, p. 140 sobre esta questão), e um modelo para o também imperador Adriano, admirador da cultura helênica, como dito anteriormente. Seu interesse pela conquista do Império Persa por Alexandre parece ter nascido, na verdade, de seu interesse mais específico pelas guerras de Roma contra os partos, que formaram, como fragmentação do Império Selêucida, o império que representou um dos maiores desafios à supremacia romana no Oriente. Assim, Arriano apresenta um relato bastante favorável a Alexandre, *especialmente no campo militar*, mesmo nas fases tardias da expedição, mas não pode deixar de aludir e repreender seus excessos. Por vezes, de fato, recorre igualmente à ideia “clitarquiana” de corrupção do jovem rei em território asiático, mas o faz de forma um pouco mais específica, quase sempre procurando eximir Alexandre de qualquer

responsabilidade. Curiosamente, este é o autor que mais alusões faz ao alcoolismo do rei. Vejamos alguns exemplos:

Arriano 4.8.2: Alexandre já havia adotado hábitos bárbaros no consumo de vinho (fazendo alusão ao episódio do assassinato de Clito, que, segundo Arriano, era o culpado por sua insolência para com o seu rei: *Καὶ ἐγὼ Κλεῖτον μὲν τῆς ὕβρεως τῆς ἐς τὸν βασιλέα τὸν αὐτοῦ μεγαλωστὶ μέμφομαι*);

Arriano 4.9.1: Alexandre havia se tornado escravo de dois vícios: a raiva/ira/um impulso natural e a bebedeira (*ὄργης τε καὶ παροινίας*, são as palavras de Arriano). Ainda assim, ele (Alexandre) seria capaz de identificar imediatamente a selvageria de suas ações. Há mesmo a introdução estratégica de um salvamento próprio pelo consumo excessivo do vinho, como se este fosse uma sugestão dos deuses por ocasião da conspiração dos pajens (Arriano 4.13.5-6). Em suma, ao planejarem assassinar Alexandre na madrugada, em seus aposentos, os conspiradores tiveram seu plano frustrado porque o rei varou a noite em bebedeira, por acaso ou, segundo Aristóbulo, porque fora advertido pela divindade que se manifestou em uma mulher síria (literalmente, uma mulher síria possuída pelo espírito divino, que sempre acompanhava Alexandre e o incitava a continuar bebendo, sempre que o rei cessava o consumo do vinho). Na sequência, cabe dizer, a “boemia fora de hora” do rei é citada por um dos conspiradores, Hermolau!

Arriano 7.29.4: em seguida, após quatro referências a banquetes e bebedeiras seguidas de sacrifícios aos deuses, soma-se a morte de Hefesto pelo vinho (coma alcoólico?) e registra-se talvez a mais interessante observação no livro 7 sobre o assunto: segundo Aristóbulo, Alexandre bebia, na verdade, muito pouco, apenas por cortesia aos seus Companheiros (*ἀλλὰ φιλοφροσύνης τῆς ἐς τοὺς ἐταίρους*)! Esta última observação está no contexto da defesa dos comportamentos “orientais” de Alexandre, como a adoção da vestimenta persa. Tem-se, nesse passo, um Alexandre politicamente maduro e estratégico, que se preocupava com sua autoridade perante os súditos recém-conquistados e com o bem-estar dos seus Companheiros.

Portanto, um fator crucial que não se pode deixar de observar em Arriano é que as alusões ao alcoolismo de Alexandre estão majoritariamente concentradas no livro 4 e no livro 7 de sua obra, por duas razões específicas. A primeira delas resume-se da seguinte forma: a concentração de cinco episódios trágicos num único livro, o 4, faz com que o leitor os trate como um conjunto único de acontecimentos, excessos de um mesmo tipo ou ainda um único excesso, que

não apaga a magnitude das demais ações do rei (precisamente o oposto do dito por Quinto Cúrcio). Trata-se do que se convencionou chamar de “digressão apologética coesa”, que narra de uma só vez a morte de Clito, a polêmica da genuflexão, a chamada “conspiração dos pajens” e a morte de Calístenes. A segunda delas é a seguinte: o tratamento dado ao período mais trágico do governo de Alexandre, no último ano de sua vida, logo após a desastrosa travessia do deserto da Gedrósia (atual Baluquistão), aponta para decisões estratégicas que justificariam seu alcoolismo e outros comportamentos duvidosos.

Conclusão

A abordagem desenvolvida neste artigo viabiliza duas conclusões principais. A primeira delas aponta para o alcoolismo dos reis macedônios (de Filipe II aos reis helenísticos) como uma constante nas fontes antigas que tratam deles, *tornando-se, assim, um lugar-comum*, e em alguns casos permitindo a *vinculação direta de um autor a outro de mesma procedência literária*, como nos casos de Teopompo e Políbio. Embora discordem sobre um rei específico (Filipe II), a apreciação geral da realeza macedônica no tempo de Políbio permite que cheguemos a essa conclusão. Da mesma forma, conclui-se por extensão que a persistência dessa ideia em outra tradição historiográfica (as fontes sobre Alexandre que remontam a Clitarco, Ptolomeu e Aristóbulo) pode indicar *tanto a especificidade metodológica do mesmo problema em outro corpus documental quanto um hábito frequente dos reis macedônios*, nutrindo assim com pormenores metodológicos a hipótese inicial de Walbank, qual seja, a de que o alcoolismo constituía uma espécie de “costume nacional” dos macedônios.

Referências

- AMITAY, O. 2010. *From Alexander to Jesus*. Berkeley, University of California Press, 246 p.
- BARONOWSKI, D. 2011. *Polybius and Roman Imperialism*. London, Bristol Classical Press, 242 p.
- BOSWORTH, A. 2007. Arrian, Alexander, and the Pursuit of Glory. In: J. MARINCOLA (org.), *A Companion to Greek and Roman Historiography, vol. 1*. Malden, Oxford, Blackwell, p. 447-453.
- BROUWER, R. 2011. Polybius and stoic ‘Tyche’. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 51:111-132.
- CHAMPION, C. 2004. *Cultural politics in Polybius's Histories*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 328 p.
- COLLINS, J. 1997. *Jewish Wisdom in the Hellenistic Age*. Louisville, Westminster John Knox Press, 275 p.
- ECKSTEIN, A. 1995. *Moral Vision in The Histories of Polybius*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 331 p.
- MILTSIOS, N. 2013. *The Shaping of Narrative in Polybius*. Berlin, De Gruyter, 174 p.
- MURRAY, O. 1996. Aspects of Hellenistic Kingship. In: P. BILDE;

- T. ENGBERG-PEDERSEN.; L. HANNESTAD; J. ZAHLE (org.), *Studies in Hellenistic Civilization VII*. Aarhus, The University Press, p. 15-27.
- PÉDECH, P. 1964. *La méthode historique de Polybe*. Paris, Société d'édition "Les Belles Lettres", 645 p.
- PONWALL, F. 2004. *Lessons from the Past*. Ann Arbor, Michigan University Press, 216 p.
- SANT'ANNA, H. 2015. Uma revisão crítica das fontes historiográficas para a história do Império Parto (247 a.C. – 228 d.C.): o caso de Apolodoro de Artemita e Arriano de Nicomédia. *História da Historiografia*, 17:262-273.
- SHRIMPTON, G. 1991. *Theopompus the Historian*. Montreal, McGill-Queen's University Press, 346 p.
- STADTER, P. 1980. *Arrian of Nicomedia*. Chapel Hill, University of North Carolina Press, 256 p.
- WALBANK, F. 1957-1979. *A Historical Commentary on Polybius*. Oxford, Oxford University Press, 604 p.
- WALBANK, F. 2002. *Polybius, Rome and the Hellenistic World*. Cambridge: Cambridge University Press, 353 p.
- WINDER, S. 2017. The Hands of Gods? Poison in the Hellenistic Court. In: A. ERSKINE; L. LLEWELLYN-JONES; S. WALLACE (org.), *The Hellenistic Court: Monarchic Power and Elite*

Society from Alexander to Cleopatra. Swansea, The Classical Press of Wales, p. 373-408.

Fontes

- BRUNT, P. 1976. *Arrian. Anabasis of Alexander, Volume I: Books 1-4*. Edition and translation. Cambridge, MA, Harvard University Press, 640 p.
- JACOBY, F. 1957. *Die Fragmente der griechischen Historiker (FGH) von Felix Jacoby*. Disponível em: <https://referenceworks.brillonline.com/cluster/Jacoby%20Online>. Acesso em: 15/12/2018.
- OLDFATHER, C. 1933. *Diodorus Siculus. Library of History, Volume I: Books 1-2.34*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 512 p.
- OLSON, S. 2007-2012. *Athenaeus. The Learned Banqueters*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 400 p.
- PATON, W. 2010-2012. *Polybius. The Histories*. Cambridge, MA, Harvard University Press, 512 p.

Submitted em: 11/07/2018

Aceito em: 03/12/2018